

Grupos de Pesquisa *Online* na Formação de Professores Pesquisadores: produzindo Conhecimento na Cibercultura

Rosemary dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF)

rose.brisaerc@gmail.com

Edméa Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

edmeabaiana@gmail.com

Dilton Ribeiro Couto Junior

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF)

junnior_2003@yahoo.com.br

Resumo: Grupos de Pesquisas vinculados a programas de pós-graduação são ambiências formativas singulares e singularizantes para a formação de pesquisadores, principalmente no campo da Educação. Estudar junto, conviver e partilhar saberes no contexto de uma pesquisa institucional, participar de orientações coletivas, mobilizar multiletramentos científicos e organizar a difusão científica das pesquisas são apenas algumas das atividades cotidianas dos grupos de pesquisa. Com a advento da cibercultura, grupos de pesquisa vem atuando *online*, subvertendo limites e constrangimentos dos encontros *face to face*. Este artigo é fruto de uma pesquisa-formação na cibercultura que através do dispositivo da conversa *online*, buscou compreender como se instituem grupos de pesquisa *online* e como estes engendram suas dinâmicas curriculares. O campo de pesquisa aconteceu no contexto de um importante programa de uma universidade pública no Rio de Janeiro, Brasil. Os praticantes da pesquisa foram professores e estudantes que atuavam *online* com seus grupos de pesquisa. O repertório teórico-metodológico do estudo procurou brincar a abordagem multirreferencial com as pesquisas com os cotidianos na cibercultura. O estudo constatou que os atos de ensinar e toda criação curricular passam necessariamente pela preocupação com a formação como experiência social, política, acadêmica e afetiva.

Palavras-chave: grupos de pesquisa online; pesquisa-formação na cibercultura; ambiências formativas; conversas online.

Online Research Groups in the Training of Teachers-Researchers: producing Knowledge in Cyberculture

Abstract: Research groups tied to graduate programs are unique environments for the training of researchers, especially in the field of Education. Studying together, socializing and sharing knowledge in the context of institutional research, participating in collective orientations, mobilizing scientific multiliteracies, and organizing the scientific dissemination of research are just some of the daily activities of research groups. Since the advent of cyberculture, research groups have been working online, subverting the limits and constraints of face-to-face meetings. This article is the result of a research-training in cyberculture that, through the device of online conversation, sought to

understand how online research groups are instituted and how they produce their curricular dynamics. The research field took place in the context of an important public university program in Rio de Janeiro, Brazil. Research practitioners were teachers and students who worked online with their research groups. The theoretical-methodological repertoire of the study sought to assemble the multi-referential approach with research with everyday life in cyberculture. The study found that the acts of teaching and all curriculum creation necessarily involve the concern with training as a social, political, academic, and affective experience.

Keywords: online research groups; research-training in cyberculture; learning environments; online conversations.

1. Introdução

O objetivo deste artigo, fruto de pesquisa de doutorado recentemente concluída, é como os grupos de pesquisa criados nas redes sociais vêm estruturando outras formas de atuação da docência universitária. Para isso, foram investigados 4 grupos de pesquisa vinculados a uma instituição superior pública localizada no Estado do Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Cabe destacar que durante a realização do trabalho de campo, muitos desses grupos de pesquisa também se reuniam para interagir no WhatsApp, no entanto, o foco do texto foi investigar as dinâmicas de trabalho desses grupos no Facebook¹.

Investigar esses grupos mostra-se como uma aposta de pesquisa importante na cibercultura, com demandas de ensino e de aprendizagem que implicam múltiplas possibilidades de docência e também mostra como a criação de grupos de pesquisas *online* pelos professores-formadores e seus orientandos criaram usos e conteúdos diversos com e por mediações, forjando assim um dispositivo formativo coletivo, colaborativo e em rede.

Aprendemos-ensinamos a partir de diversos aplicativos e artefatos culturais conectados à internet que nos possibilitam interagir com sujeitos geograficamente dispersos que, a partir de suas experiências singulares, têm muito a compartilhar com o outro. Portanto, promover ações formativas por meio do diálogo e da parceria com os docentes não apenas ratifica a preocupação e o compromisso das instituições e dos educadores-pesquisadores nesse processo, mas também nos inspira como corresponsáveis por essas criações.

Ao trazer os grupos de pesquisa *online* como centralidade desta pesquisa, compreendemos que todo ato de ensinar e toda criação curricular passam necessariamente pela preocupação com a formação como experiência social, política, acadêmica e afetiva. Entender a formação como processo em que o docente constrói o seu caminhar, pelo seu fazer fazendo-se, se apresenta como um ato dinâmico de vivências subjetivas, percepções, opiniões e singularidades criadoras coletivas.

¹ A primeira autora do texto conduziu a pesquisa de campo do trabalho, sendo orientada pela segunda autora e tendo o terceiro autor como um importante interlocutor da pesquisa.

O que chamamos de grupos de pesquisa *online* são os grupos criados em interfaces de redes sociais, em que se desenvolvem processos de orientação coletiva e extensões de práticas de pesquisa entre as professoras-formadoras e seus orientandos. Nesses grupos, emergem mudanças nas formas de comunicar, além de se ampliarem as oportunidades de atuação conjunta e colaborativa entre seus membros. A inovação nos suportes que armazenam e recuperam a informação, o movimento para o acesso livre ao conhecimento, o aumento da produção científica em colaboração e a formação de redes de coautoria constituem um terreno fértil para a criação e o fortalecimento dos usos das redes sociais no campo científico.

Os grupos de pesquisa surgem como uma nova forma institucional de potencializar as condições da produção do conhecimento científico. As diversas demandas externas, oriundas das agências de fomento, e as tarefas e atividades diferentes atribuídas aos grupos de pesquisa têm gerado formas diversificadas de organização e têm motivado a construção de múltiplas experiências. Não podemos negar que as possibilidades comunicacionais engendradas pelo digital em rede têm permitido a constituição de uma dinâmica formativa envolvendo “novas modalidades de emissão livre, de formas de compartilhamento de informação, de cooperação” (Lemos, 2010, p. 28).

Certeau (2009) argumenta que o cotidiano é uma invenção, algo que está sendo inventado a todo instante por seus praticantes, isto significa reconhecer o cotidiano como algo fluido, repleto de possibilidades e de movimentos. A fim de pensar a universidade a partir de outro lugar, é necessário, reaprender a perceber o mundo, muitas vezes tendo de desaprender o que era certeza, tecendo outras (não necessariamente novas) formas de compreender os processos complexos que habitam essa cotidianidade.

Acreditamos que a formação na ciberultura consiste, pois, em um processo que se dá em rede e na rede, onde a interação entre os outros contextos e o modo como nessas interações incorporamos e significamos os conhecimentos e valores nos permitem atuarmos em nossas práticas. As noções de múltiplos contextos e de tessitura do conhecimento em rede apontam, com isso, que a discussão sobre a formação precisa ser entendida de modo não linear, complexo no dinamismo próprio dessas redes e de nossas subjetividades.

Muitas indagações perpassam o imaginário ao se tentar definir o processo de formação da docência na Educação Superior. Esse texto foi estruturado de modo a contribuir para o esclarecimento de alguns questionamentos, tais como: De que maneira esse processo de formação se desenvolve? Que trajetórias formativas constituem a docência universitária? Sabemos que os cursos de formação inicial priorizam a preparação para a docência na Educação Básica e que os cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) habilitam o sujeito para a pesquisa. Assim, trazemos a seguinte questão: de que forma se *aprendeensina*² na docência universitária?

² No decorrer do texto, a grafia de determinadas expressões é usada no itálico porque indica nossa intencionalidade “de transgredir as dicotomias herdadas pelo modelo de pesquisa produzido dentro do discurso hegemônico do paradigma moderno” (Ferraço & Alves, 2018, p.

A docência vai muito além da reprodução do que está posto. Estamos convictos de que a criação de ambiências formativas pode tornar-se campo fecundo para as práticas de formação no ensino superior e para uma apropriação científica e tecnológica que possibilitará a produção de sentidos nas diversas redes educativas em que atuamos. É portanto, sobre ambiências formativas como *espaçotempos* de autorias no ensino superior que iremos nos deter.

2. Inspirações teórico-metodológicas da ciberpesquisa-formação

A pesquisa trouxe como desafio compreender o processo de orientação como prática docente, de negociação, do trabalho em parceria, de pesquisa como formação, ou seja, a docência se insere em um cenário no qual escrever o texto escrito não se resume a realizar uma atividade de caráter científico como parte importante para se concluir o curso. Dessa forma, enquanto se realiza o trabalho de pesquisa, faz acontecer a atividade de formação dos praticantes pesquisadores: "aquele que, ao elaborar o trabalho em pauta, é capaz de desenvolver a noção do próprio trabalho e, mais ainda, aperceber-se de si" (Barbosa, 2014, p. 82).

Ao participar de alguns grupos para realizar a pesquisa de doutorado, vimos que muitos professores, além de criarem suas disciplinas da Graduação e da Pós-Graduação em grupos fechados e páginas no Facebook, também criavam outros com o mesmo nome dos grupos de pesquisa institucional. Nesses grupos, os quais chamamos *online*, são grupos criados na rede social Facebook em que se desenvolvem processos de orientação coletiva e extensões de práticas de pesquisa entre os professores e seus orientandos. Nesses grupos, emergiram mudanças nas formas de comunicar, além de se ampliarem as oportunidades de atuação conjunta e colaborativa entre seus membros.

Para participar de 4 grupos de pesquisa *online* enviamos pedido de participação aos administradores, que em alguns casos eram orientandos do coordenador do grupo, apresentando o objetivo da pesquisa e pedindo licença³ para acompanhar e participar das narrativas compartilhadas. No movimento de interagir com os componentes do grupo, conversamos com os membros sobre as orientações docentes/discentes.

Após a imersão nos grupos, algumas questões emergiram da própria dinâmica do trabalho apresentado por cada grupo de pesquisa: Quais os tipos de apropriações e usos dos recursos do Facebook no contexto em questão? É possível fazer orientação docente através de uma rede social? É possível pensarmos que as orientações coletivas podem ser realizadas através das conversas *online* em um grupo numa rede social?

Ao acompanhar as narrativas dos docentes, percebemos o quanto elas ganham sentido e se potencializam como processo de formação e de conhecimento. As narrativas produzidas foram singulares nesse processo formativo, porque se assentavam entre as diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas no momento da orientação

47). No caso em questão, aprendizagem e ensinamento são aspectos do trabalho docente que julgamos como sendo indissociáveis no contexto educativo.

³ Nas pesquisas com os cotidianos, costumamos "pedir licença" ao campo e aos praticantes da pesquisa para dialogar com eles e sobre eles.

a partir da articulação dos *espaçotempos* da universidade com os *espaçotempos* da rede social. Nossa opção foi focar não somente a relação singular, intersubjetiva e complexa da orientação, mas, sobretudo, analisar as possibilidades e potencialidades da docência na cibercultura.

A conversa *online* configurou-se como procedimento metodológico privilegiado na interação com os sujeitos e, somando-se a isso, reconhecemos o quanto a conversa mediada pelo digital, em rede no contexto dos grupos de pesquisa *online*, são imprescindíveis na produção de conhecimento entre seus integrantes. Conversar implica o desafio de afetar e de nos deixar afetar pelo outro, em um processo comunicacional compromissado com o intercâmbio de experiências (Couto Junior, Ferreira & Oswald, 2017). A conversa rompe com o esperado, nos lança no desafio de buscar maior horizontalidade na relação com o outro mediante uma perspectiva dialógica e de alteridade (Ruani, Couto Junior & Amaro, 2020). Apostamos na conversa como procedimento metodológico para tecer reflexões em parceria com os sujeitos porque acreditamos na força da partilha das palavras. Afinal, conforme reitera Larrosa (2002, p. 21), "todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra". Conversar mediado pelas dinâmicas ciberculturais nos permite experienciar *temposespaços* múltiplos na medida em que nos é oportunizada a troca com outras pessoas geograficamente dispersas que têm muito a *aprenderensinar*.

Conceber a pesquisa com professores demanda entender suas itinerâncias como vivências, práticas pedagógicas, histórias de vida e formação acadêmica. Relações dialéticas entre saber e conhecimento, interioridade e exterioridade, singularidade e totalidade. Partimos de uma intencionalidade pedagógica para produzir práticas que funcionem como dispositivos, para que a formação se realize orientada por determinados valores e perspectivas (Macedo, 2000, p. 109).

Ao trazer os grupos de pesquisa como objeto desta pesquisa, partimos do pressuposto de que o fundante da Educação é a formação (Macedo, 2010) e que todo ato de ensinar e toda criação curricular passam necessariamente pela preocupação com essa experiência social, política, acadêmica e afetiva. Assim, tomamos como referência nesta experiência formadora a ciberpesquisa-formação (Santos, 2005, 2015, 2019) como método de pesquisa no contexto da cibercultura. Atualizamos o conceito de pesquisa-formação pela própria especificidade do contexto contemporâneo, ao perceber, hoje, um cenário múltiplo, complexificado pela diversidade de dispositivos tecnológicos e possibilidades de apropriações e desvios da configuração midiática. A partir de um movimento dialético entre a técnica, a cultura e a sociabilidade, somos atravessados pelos limites da participação nos espaços *online* e *offline*. Para Santos:

A ciberpesquisa-formação é uma metodologia de pesquisa qualitativa que legitima a educação online como campo de pesquisa-formação na cibercultura. Concebe o processo de ensinar e aprender a partir do compartilhamento de narrativas, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores pela mediação das interfaces digitais concebidas como dispositivos de pesquisa-formação (Santos, 2005, p. 74).

Ao optar pela epistemologia da multirreferencialidade e pelo método da ciberpesquisa-formação, vimos reafirmar que esta é uma opção política e faz contraponto aos pressupostos teóricos positivistas, tão sedimentados no campo educacional. Segundo Ardoino (1998), o surgimento da multirreferencialidade está ligado ao reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade inerentes às práticas educativas, sempre na perspectiva de uma pluralidade de olhares e linguagens, reconhecidas como necessárias à compreensão do fenômeno complexo que é a Educação.

Se a realidade é complexa, como simplificá-la pela interpretação a partir de uma só lógica, de uma só referência? Frente a isso, apostamos no esforço de compreender como a complexidade nos mostra a necessidade de lidar com a incontornável impermanência das coisas e, por consequência, com o incontornável inacabamento das nossas compreensões, com a falta e a busca das respostas que nos atingem como docentes na complexidade.

Essas práticas marcam profundamente a epistemologia multirreferencial e o que as caracteriza são sempre nossas ações, inspirações, usos, artes de fazer, invenções, e há nelas permanentemente um "já lá". Segundo Ardoino (1998), o essencial é que toda prática é sempre um começar, uma potência da problemática alternada e articulada do tripé agente-autor-ator. Ainda de acordo com Ardoino (1998), podemos compreender o praticante cultural em seu processo educativo por esse tripé.

No ambiente da universidade, participamos das aulas nas disciplinas das professoras, participamos de eventos (defesas de teses e dissertações, seminários e oficinas). Ao considerarmos as possibilidades de captar elementos da realidade não compreensíveis através de meios tradicionais de pesquisa, procuramos captar alguns indícios (Ginzburg, 1989). Para Ginzburg (1989, p. 177), "a realidade é complexa e opaca, mas existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la que permitem buscar interconexões e efetuar tentativas de compreensão da totalidade". Pensar nas etapas empíricas pela possibilidade de enredamento, de fluxo de informação, de memórias e de domínio dos processos de interação levou-nos a criar um novo conceito que pode também engendrar *espaçostempos* de formação em rede.

3. Grupos de pesquisa *online*, extensões de práticas de pesquisa e orientação coletiva

A pesquisa em questão, nos trouxe o desafio de compreender o processo de orientação como prática docente, de negociação, do trabalho em parceria, de pesquisa como formação. Dessa forma, a docência se insere em um cenário no qual escrever o texto acadêmico não se resume a realizar uma atividade de caráter científico como parte importante para se concluir o curso, mas também, enquanto se realiza o trabalho de pesquisa, acontece a atividade de formação dos praticantes pesquisadores.

Ao participar de alguns grupos para realizar a pesquisa, percebemos que muitos professores, além de criarem suas disciplinas da graduação e da Pós-Graduação em grupos fechados e páginas no Facebook, também criavam outros com o mesmo nome dos grupos de pesquisa institucional. Nesses grupos, os quais denominamos de grupos

de pesquisa *online*, os textos teóricos e os assuntos debatidos nos encontros presenciais eram discutidos e compartilhados por seus componentes.

Nesses grupos há constantemente discussões de bibliografias previamente selecionadas com o objetivo de estabelecer um campo de diálogo entre diversos pesquisadores, entre pesquisadores e alunos e requer que os participantes compartilhem instrumentos conceituais comuns. Além disso, a pesquisa está sempre em diálogo com aquilo que outros pesquisadores e/ou linhas de pesquisa produzem.

Ao acompanhar essas narrativas de orientação coletiva, percebemos como elas são formativas e revelam o compromisso ético, político e social da Pós-Graduação. Ademais, compreendemos melhor como elas alimentam a pesquisa em Educação e são realimentadas pelos novos conhecimentos produzidos, criando um enredamento transformador que afeta diretamente o processo de pesquisa constituindo um trabalho docente também pela crítica.

O exercício de ler, acompanhar e participar das orientações coletivas nos convida a falar de um lugar diferente daquele em que nos formamos como professores. Esse lugar dialógico e de alteridade impulsiona nosso desenvolvimento no nosso próprio processo de pesquisa. Encontramos nessas narrativas um profícuo diálogo intercultural e acadêmico. Os membros dos grupos, ao discutirem as ideias dos outros, vão revelando qualidades importantes, o carinho, o respeito e a leitura atenta com o texto do outro, sem abrir mão de dizer tudo o que é necessário. Para Spink (2014, p. 14):

É esse dispositivo (de amizade, de vínculo, de rede) que nos permite a experimentação nos modos de pesquisar. Participar de pesquisas sob essa perspectiva é sempre estranhar o modo como se está sendo. É estranhar as nossas formas de conhecer. É reconhecer que método não é o meio de acessar algo, mas sim de se (re)construir no que estudamos e pesquisamos.

Concordamos com Spink, pois a experiência compartilhada provoca a expansão dos limites *espacotemporais* da sala de aula da universidade, mas esta não está desvinculada e nem fora desse processo de formação e pesquisa. Pelo contrário, essas discussões penetram instantaneamente na universidade e revelam que ela está sempre vinculada aos outros espaços multirreferenciais de aprendizagem (Santos, 2005, 2019).

Em uma conversa com uma das professoras sobre a criação do grupo de pesquisa *online* que coordena, conversamos sobre os grupos de pesquisa no Facebook, assistindo a algumas aulas também nos grupos de pesquisa na universidade. A partir dessa experiência formativa, percebemos que nos grupos do Facebook os alunos participavam muito, traziam *links*, compartilhavam textos. Sobre esse movimento, a professora CS⁴ relata:

Eu acho que tem a ver com aquilo que eu te falei do dispositivo. Entre o conjunto de regras que está no Facebook, a gramática não é uma coisa tão exigida. Então, só isso de poder usar e errar, e o professor erra, que eu vejo todo dia, e nem sempre volta para corrigir, porque faz parte do modo de habitar o dispositivo, eu acho que

⁴ Optamos por usar as siglas dos nomes dos sujeitos da pesquisa por conta do anonimato no texto.

isso já libera. Uma vez teve uma aluna da graduação, a gente tinha uma disciplina que a gente fazia toda no Facebook, e eu perguntei à menina por que ela falava tanto ali no Face e pouco na sala de aula, e ela falou que no Facebook não existe caneta vermelha. E eu nunca tinha pensado nisso. Ela disse que quando pegava no seu trabalho, tinha vergonha de ir com ele da mesa da professora até a sua mesa, mesmo que ela não falasse nada, todo mundo via, quando passava, até por trás da folha, tanta marcação de caneta vermelha. Isso já cria uma condição da pessoa não falar. No Face, ninguém vai entrar em cima do seu texto e corrigir ele e marcar o que tá errado, você pode comentar. Isso é uma coisa (Professora-pesquisadora CS).

A narrativa da professora traz dois pontos importantes que queremos destacar: primeiro, ao problematizar o fato de uma de suas alunas da graduação participar muito mais do grupo criado no Facebook do que nas aulas presenciais. Há na narrativa da professora o reconhecimento de que a cultura contemporânea vem impulsionando o surgimento de autorias a partir dos usos das tecnologias digitais em rede. Para França (2006, p. 77), as discussões contemporâneas promovem a inserção da comunicação no cerne dos processos de subjetivação. Esses processos não se referem ao praticante cultural em comunicação, mas à comunicação na constituição dos praticantes culturais. Ela explica que os praticantes culturais em comunicação produzidos nos e pelos laços discursivos que os unem se encontram em uma situação de copresença e mútua afetação.

Durante o acompanhamento das orientações coletivas nos grupos de pesquisa online, presenciamos a orientação entre integrantes do grupo de pesquisa da professora **ML** e da professora **CS** e a criação de um contexto de orientação coletiva entre os integrantes dos grupos:

CS: Olá pessoas, adicionei dois colegas ao grupo: **DCJ**, doutorando do ProPEd e a orientadora dele, **ML**. O **DCJ** está fazendo uma pesquisa sobre significações sobre as homossexualidades tecidas no/com o Facebook (mais ou menos isso). Eles irão a uma reunião do nosso grupo, provavelmente a próxima, para discutir com a gente. **DCJ**, se quiser mandar seu capítulo por aqui, acho que o pessoal pode ler e interagir com você. Além do pessoal do nosso grupo na UERJ, temos nesse grupo no Face, colegas que pesquisam questões relacionadas às sexualidades em outras universidades, como a Federal do Espírito Santo e do Recôncavo, como também da Estadual do Amazonas. Sejam muito bem-vindos.

Após **DCJ** anexar o capítulo, conforme sugerido pela professora-pesquisadora **CS**, o mestrando **LP** tece considerações sobre o texto, buscando fornecer algumas pistas sobre possíveis caminhos teórico-epistemológicos a serem seguidos. Esse processo colaborativo e solidário, potencializado pelas dinâmicas comunicacionais digitais, reflete o compromisso dos integrantes do grupo de pesquisa com a formação de novos pesquisadores em tempos de cibercultura. Apresentamos abaixo algumas das reflexões de **LP** sobre o texto de qualificação de doutorado de **DCJ**:

LP: **DCJ**, **ML** e grupo, Primeiramente peço desculpas por **ML** meus comentários!!! Ah, e sintam-se à vontade para considerar os que acharem interessante... hehehehe **DCJ**, acho que seria importante você tentar caracterizar o que você chama de campo de estudos de gênero e sexualidade, pois entendo que este seja um campo bastante plural e que considero já ter uma história considerável de produções. Digo isso pela forma como você construiu a justificativa do texto. Seria importante que você compreendesse as transformações que este campo vem sofrendo ao longo dos anos. Você propõe um trabalho numa perspectiva identitária, e essa perspectiva vem

sendo cada vez menos “valorizada” no campo de estudos de gênero e sexualidade...**DCJ**, por favor, leia “A epistemologia do armário” da Eve Sedgwick. Não tem o livro todo em português, mas tem um artigo com o mesmo título publicado em português. Não lembro em qual revista, acho que nos Cadernos Pagu. É fácil achar esse texto. Acho que esse texto te ajuda melhor a entender essa questão de entrar ou não entrar no grupo, pois tem a ver com assumir-se ou não assumir-se. O que coloca em xeque mais uma vez as construções identitárias.

Podemos extrair várias narrativas significativas nas sugestões de **LP**, no texto de **DCJ**. Percebemos aqui a noção de solidariedade epistemológica (Alves, 2001), que remete a escrever e pensar a pesquisa de forma colaborativa, afetiva e implicada. O que desejamos problematizar, para além da questão fundante da orientação coletiva, que acontece também nos encontros presenciais na universidade, é a potência do trabalho realizado nos grupos *online*, cuja distância geográfica que separa os orientandos e professores exige interfaces que permitam uma comunicação efetiva entre eles no processo de trabalho, logo, de aprendizagem e de formação (Santos, 2017).

Com o avanço das tecnologias digitais, as instituições de ensino podem operacionalizar currículos que permitam ir além do espaço da universidade, criando novas práticas de pesquisa acadêmica em que as relações orientando–orientador e orientandos–orientandos criem redes que favoreçam a colaboração entre grupos em outros *espaçotempos*. Abre-se, então, um diálogo entre **LP** e **DCJ**, revelando a implicação dos dois pesquisadores frente à análise do texto de qualificação postado no grupo do Facebook:

DCJ: LP, fico muito feliz com os seus comentários. Obrigado pela leitura atenta e pela disposição em contribuir com a pesquisa. (A minha página de agradecimentos da qualificação está crescendo.) A professora **CS** também foi maravilhosa durante a reunião de pesquisa e nos abriu os olhos para várias das questões que você pontuou aqui. O capítulo 1 agora está em reconstrução. Estou revendo a ideia de IDENTIDADE e começando a me aproximar das discussões de SUBJETIVIDADE (DELEUZE; GUATTARI). Você teria algum artigo, livro digitalizado que trata das subjetividades? Também já comecei a ler FOUCAULT para entender melhor a relação de PODER (história da sexualidade vol. 1). Conheço o artigo do Sedwick, eu tenho no meu computador. Vou salvar seus comentários valiosos agora e certamente vamos nos falando Grande abraço e obrigado de novo! PS - a professora **ML** é tudo de bom mesmo, ela vem caminhando junto comigo e aceitou a ideia de trabalhar um tema tão maravilhoso e desafiante como este. Vamos ver no que vai dar.

A conversa *online* que se desenvolve a seguir é um ponto significativo para a discussão da orientação coletiva *online* e na reflexão de que o compartilhamento das experiências e expectativas por nós vivenciadas com nossos pares é condição fundamental para nosso crescimento profissional. Pensar a conversa como dispositivo metodológico significa envolver sujeitos e suas vozes em um movimento imprevisível, dinâmico, cuja centralidade é a partilha (Serpa, 2018). Colaborar com o outro em/na rede garante práticas formativas mais horizontalizadas, cuja dimensão dialógica e alteritária nos permite aprender constantemente em parceria (Couto Junior, Ferreira & Oswald, 2017).

Conversar sobre nossos temas/questões de pesquisa na universidade, no contexto dos grupos *online*, nos convida a aprender com as demandas de estudo de cada um, garantindo a troca de experiências. As potencialidades interativas das interfaces

garantem a exposição de nossas ideias com o outro, evidenciando “a força de dinâmicas comunicacionais digitais que agregam sujeitos geograficamente dispersos em torno de uma mesma rede gigantesca de troca de informações constante” (Couto Junior, Santos & Velloso, 2019, p. 1131). *Aprenderensinar* com o outro nos grupos *online* significa também nosso compromisso ético e político com a produção de conhecimento que realizada no âmbito da universidade pública brasileira. Em tempos de cibercultura, não há dúvida de que precisamos investir mais e melhor nas trocas na/em rede, apostando na conversa *online* como um dispositivo potente de *ensinaraprender* na Pós-Graduação, envolvendo pesquisadores da iniciação científica aos pós-doutorandos.

A maneira como os orientadores abrem esse espaço de interlocução no Facebook revela um entendimento do significado das mudanças que podem ser possíveis em um programa de Pós-Graduação, implicando convergência entre as pesquisas, valorizando o sentido agregador de outros olhares sobre esta temática e essa dialógica é potencializada por essas interfaces interativas, como na narrativa de **ML** a seguir:

ML: LP Fiquei impressionada com a procedência das suas observações antenadérrimas com o que **CS** falou no maravilhoso encontro de terça. **DCJ** já começou a fazer as leituras sugeridas e eu, na medida do possível, vou acompanhá-lo até pq fiquei mto interessada em me aproximar desse referencial por conta do que ele pode me ajudar na vida mesmo. Bj enorme pela super ajuda!!!! Te amo de paixão!!!! Depois volto com algumas reflexões sobre identidade com base no estudo de Bakhtin das culturas populares na Idade Media. Beijíssimo!

Na construção de um texto acadêmico é comum ensaios e tentativas para lapidar o texto. Isso faz parte da humildade acadêmica que precisamos ter ao reconhecer que o conhecimento se constrói em idas, vindas e retomadas para garantir a qualidade de nossas produções textuais. Face ao exposto, só nos resta considerar relevante para o processo de orientação abrir espaço para a reflexão e discussão sobre o trabalho docente, tendo como foco o processo de formação continuada do orientador, sua relação com o processo de orientação e o orientando, contribuindo, assim, para a formação do orientador e orientando no contexto dos grupos *online*.

O caso das orientações coletivas *online* entre os grupos das professoras **CS** e **ML** é um caso pontual, embora os orientandos façam disciplinas de professores de outros grupos e encontrem-se nos eventos acadêmicos. Para Santos e Santos (2018), não podemos negligenciar ou refutar outras experiências de formação, mas devemos sinalizar suas limitações comunicacionais frente ao potencial comunicacional das tecnologias digitais em rede, pois “cada nova interface transforma a eficácia e a significação das interfaces existentes. É sempre uma questão de conexões, de reinterpretações, de convergências, de traduções em um mundo de multiplicidades.”

Os grupos *online* fornecem pistas para pensarmos outras dinâmicas de trabalho da pesquisa acadêmica. Essa construção cotidiana pode nos indicar a necessidade de discutir a formação em tempos de cibercultura, na medida em que buscamos outros *espaçostempos* para tecer conhecimentos, sem as categorias, os conceitos, as noções e as ideias prévias aos quais fomos acostumadas na academia.

No ciberespaço, almejamos que a presença do outro ocorra mediante uma relação horizontal. A ação que os une em comunicação, é, portanto, a ação de afetar e ser afetado pelo outro através de materiais significantes. O segundo ponto é como o cotidiano profissional professor-formador é também modificado na Pós-Graduação, pois velhas concepções profissionais vão sendo redefinidas, novas atividades são introduzidas, novos conceitos são incorporados, novas habilidades são desenvolvidas – e a produção acadêmica é uma delas. Essa plasticidade das redes altera as condições para os alunos se tornarem praticantes culturais ativos na construção de conhecimentos, pois permite uma estrutura em rede horizontal e descentralizada.

Ainda sobre este aspecto, ao acompanhar o processo de orientação coletiva no grupo da professora-formadora no Facebook, percebemos que cada orientando e cada componente do grupo eram convidados à leitura do texto, dispostos a buscar compreender o ato de pesquisar em sua complexidade. Pesquisar em tempos de cibercultura significa lançarmos um olhar atento para as potencialidades de *aprenderensinar* em colaboração. Não podemos negar que hoje apresentamos muitas redes e dispositivos digitais em mobilidade à disposição dos docentes na universidade. Hoje, as informações são distribuídas praticamente em tempo real para todos os lugares do planeta (Lemos, 2010). Cabe a nós, como professores-pesquisadores, fazer do ciberespaço uma rede com mais e melhores mediações, com maiores possibilidades interativas em prol da produção de novos conhecimentos.

4. Conclusão

O objetivo deste texto foi compreender como no contexto da cibercultura os grupos de pesquisa *online* produziram conhecimento em/na rede e como este conhecimento vem estruturando a atuação na docência universitária. O texto revela que a formação do formador na cibercultura forja outros *espaçostempos* de pesquisa acadêmica e de criação de dispositivos online. Revela também que os usos do digital em rede pelos praticantes da pesquisa fizeram emergir processos de orientação coletiva, de experiências formadoras e de articulação da interface cidade-universidade, estabelecendo outros sentidos para a prática pedagógica e para a pesquisa acadêmica.

Com o desenvolvimento das potencialidades interativas da internet, passamos a vivenciar uma estrutura dinâmica de redes de comunicação, fato que desencadeia uma mudança mais estrutural na maneira de construir e produzir cultura. O contexto é de liberação de emissão da palavra, da produção e compartilhamento de conteúdos, de autorias e coautorias (Lemos & Lévy, 2010). Precisamos discutir sobre isso, desencadear processos outros de educação, de formação e de pesquisa acadêmica, haja vista o quanto a efervescência da cibercultura potencializa a necessidade de se *fazerpensar* práticas docentes.

Dessa forma, aprender com o outro nos abre possibilidades de ver, ouvir e sentir o que sozinhos não nos seria possível; é com o coletivo, na discussão, no narrar e no ouvir que está o processo de formação. Assim, uma epistemologia de formação precisa ser (re)inventada a partir do contexto da cibercultura, pois as mudanças socioculturais demandadas pelos usos das tecnologias digitais em rede nos inspiram a pensar a

docência em novos espaços de interação e de aprendizagem, em uma perspectiva menos centralizadora, mais interativa e horizontal.

Com os grupos de pesquisa *online*, os *professorespesquisadores* e seus orientandos criaram conteúdos diversos, forjando um dispositivo coletivo, colaborativo e em rede, e essa criação nos lança desafios de repensar os currículos em tempo de cibercultura e suas novas potencialidades comunicacionais. E que esse repensar pode ser possível a partir de pesquisas e projetos que nos façam compreender como a pesquisa acadêmica pode ser realizada também em outros *espaçostempos* de aprendizagem. Como professores universitários, vislumbramos o desafio de *ensinaraprender* mediados pelo digital em rede, desde já reconhecendo a necessidade de nos comprometermos ético e politicamente em *fazerpensar* uma educação pública, gratuita e de qualidade no Brasil.

Referências

- Alves, N. (2001). Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In Oliveira, I. B. & Alves, N. (Eds.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*, 13-38. Rio de Janeiro: DP&A.
- Ardoino, J. (1998). Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In Barbosa, J. G. (Ed). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar.
- Barbosa, G. J. & Hess, R. (2014). *O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro.
- Certeau, M. (2009). *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Couto Junior, D. R., Ferreira, H. M. C. & Oswald, M. L. M. B. (2017). Compartilhando experiências sobre o "armário": as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. *Interfaces Científicas – Educação*, 6 (1), 23-34.
- Couto Junior, D. R., Santos, R. & Velloso, L. (2019). Rede social e comunicação ubíqua: o que podemos aprender com Black Mirror? *Revista Diálogo Educacional*, 19 (62), 1128-1146.
- Ferraço, C. E. & Alves, N. (2018). Conversas em redes e pesquisas com cotidianos: a força das multiplicidades acasos, encontros, experiências e amizades. In Ribeiro, T., Souza, R. & Sampaio, C. S. (Eds.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*, 41-65. Rio de Janeiro: Ayvu.
- França, V. (2006). Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In França, V. & Guimarães, C. (Eds.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*, 61-88. Belo Horizonte: Autêntica.
- Garcia, A. (2012). Sentirfazerpensar: Nilda Alves e a formação de professoras e professores. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, 13 (29), 21-34.
- Ginzburg, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In Ginzburg, C. (Ed.). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Lemos, A. (2010). Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In Lemos, A. & Lévy, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*, 21-31. São Paulo: Paulus.
- Lemos, A. & Lévy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.
- Macedo, R. S. (2010). *Compreender e mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília, DF: Líber Livro.
- Macedo, R. S. (2000). *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA.
- Ruani, R. M., Couto Junior, D. R. & Amaro, I. (2020). A conversa online como procedimento metodológico na pesquisa com masculinidades dissidentes na cibercultura: notas teórico-metodológicas. *Interfaces Científicas – Educação*, 8 (2), 205-218.
- Santos, E. (2005). *Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente*. Salvador, 2005. 351f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. FAGED-UFBA, Bahia, 2005.
- Santos, E. (2014). *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso: White books, 2014.
- Santos, E. (2019). Pesquisa-formação na cibercultura. Teresinha: EDUFPI. Acesso gratuito no site/acervo: www.edmeasantos.pro.br.
- Santos, R. (2015). *Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no Facebook*. 183f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Santos, R. (2017). Grupos de pesquisa online: práticas de orientação coletiva no ensino superior. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, 18 (50), 320-337.
- Santos, R. & Santos, E. (2013). Práticas multirreferenciais de educação online: expressões de uma pesquisa. *Revista Eletrônica de Educação*, 7 (2), 153-172.
- Serpa, A. (2018). Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In Ribeiro, T., Souza, R. & Sampaio, C. S. (Eds.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*, 93-118. Rio de Janeiro: Ayvu.
- Spink, M. J. et al. (Eds.). (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

